

NÃO É SÓCIO

Sujeito à autorização  
direta do autor



UMA FLOR NASCIDA NO TELHADO



Peça infantil em 1 ato/ por: JUAREZ PORTO

CENA - 1

É noite, dois limpadores de chaminés dormem sobre um telhado, ao fundo o perfil de uma cidade, no centro uma chaminé.

CENA: Pico e Conde

PICO (levantando-se) - Conde. Conde. acorde, chega de dormir preguiçoso.

CONDE - O que é agora, PICO ? Deixe-me descansar.

PICO - Levante-se depressa, está na hora.

CONDE - Hora de que? Ainda está escuro, p'rá que levantar? É muito cedo quero dormir. (Acomoda-se e dorme novamente. Um sino toca)

PICO - Meia-noite. Ei Conde, é meia-noite. Conde!

CONDE - (Sonolento) - Hun!?! E daí, Pico? E daí? Por acaso eu perguntei que horas são?

PICO - Não, não perguntou, mas é sempre bom a gente saber, né? Eu me lembro da estória de um padeiro que morava em Taquarém-bô, ele fazia os melhores pães da região, porém não tinha um relógio em sua padaria, até um dia a mulher do padeiro que se chamava Luzia e que era doceira, por que a mulher do padeiro é sempre doceira, hein? (nota que Conde dorme tranquilamente) Conde! Voce está ouvindo a minha história?

CONDE - Estou sim, Pico, continua.

PICO - Bem, então a Luzia mulher do padeiro... a mulher do padeiro... a Luzia...Luzia... O que era mesmo que eu estava dizendo? Conde, voce está dormindo!

CONDE - É impressão sua, Pico, eu estou bem acordado.

PICO - Ah, bom! Pensei que estivesse no bom do sono. Mas sabe o que é, eu estou com muito frio, não acha que a gente poderia procurar um lugarzinho melhor para passar a noite? Que gozado! Sabe que eu não consigo me lembrar da história do padeiro? Voce não conhece? É um caso tão triste. Mas pode deixar, daqui a pouco eu me lembro do resto. É horrível quando a gente esquece as coisas, uma vez o pai da tia do primo daquele jornaleiro, voce sabe de quem eu estou falando, não sabe? Pois é...

- CONDE - Por favor, Pico; deixe-me dormir. Vamos feche os olhos, agora faça força e repita: Eu vou dormir. Eu vou dormir.
- PICO - (fazendo grande esforço) - Vou dormir. Eu vou dormir. Eu vou dormir. Não adianta Conde, não consigo. Vamos descer, tenho certeza de que hoje alguma boa alma vai nos dar um cantinho quente junto ao fogo de uma lareira. A gente poderia até sonhar coisas bacanas. Vamos Conde, vamos tentar só mais esta vez.
- CONDE - Não.
- PICO - Seria tão bom poder dormir tranquilamente, sem bater queixo de tanto frio... Vamos Pico só mais esta vezinha.
- CONDE - Não. (Pico fica deprimido) Escute Pico, entenda, sei muito bem que isto seria melhor coisa que poderia nos acontecer agora, porém, voce lembre quantas vezes nós já fomos de porta em porta, batendo, implorando pousada? Voce lembra? Cem, duzentas, quinhentas, mil vezes? E o que nós recebemos além de desaforos? Não, Pico, não, eu desisto, cansei de me baterem com a porta na cara. Ficarei aqui mesmo, pelo menos ninguém nos incomoda. É um lugar só da gente.
- PICO - É, aqui é um lugar seguro, só nosso, mas a gente quase vira servete aqui em cima, né?
- CONDE - Concordo que faz frio aqui em cima dos telhados, mas mesmo assim isso é melhor que nada. E no verão, existe lugar melhor do que este no verão?
- PICO - Ah! Não, no verão é o melhor lugar do mundo.
- CONDE - Pois então, é só a gente esperar o verão e, logo seremos os limpadores de chaminés mais felizes da face da Terra. Boa noite. (Conde prepara-se para dormir, Pico continua pensando)
- PICO - Conde... Conde tem uma coisa que eu não entendo. Vai me ouvir?
- CONDE - O que é que voce não entende, Pico?
- PICO - É esse negócio de casa... Voce já pensou que se a gente tivesse uma casa seria feliz todo o ano? No inverno a gente dormiria dentro da casa, e no verão em cima do telhado, eu não entendo porque todo mundo tem a sua casinha menos nós.
- CONDE - Ora Pico, é porque nós somos limpadores de chaminés, e limpadores de chaminés jamais devem deixar os telhados e as chaminés, compreende agora?
- PICO - Mais ou menos.
- CONDE - Olhe a cidade assim silenciosa e adormecida, não é linda? Quem além de nós tem a felicidade de vê-la tão bela? Eu diria que parece uma imense colcha de veludo azul bordada com pedrinhas de ouro muito brilhante. E a Lua, existe coisa mais bonita?





PICO - É...é bem bonitinha mesmo, mas eu preferia que essa colcha de veludo servisse para cobrir a gente, porque estou é com frio p'rã burro. Nem precisava ser colcha de veludo coisa nenhuma, qualquer paninho serviria, desde que aquecesse...

CONDE- Encoste-se mais na chaminé, aqui está bemquentinho. Pico, não é melhor? Por que passar a noite toda resmungando? De que adianta? Tente dormir, amanhã será um dia de muito trabalho. Vamos, durma.

PICO - Durma voce, eu não tenho sono.

CONDE- Voce é quem sabe, boa noite. Como é bela a cidade...tão linda, tão silenciosa...(pouco a pouco cala-se e adormece)

PICO - Bela cidade. Bela cidade. Só porque ele quer, esta é a cidade mais horrorosa que eu conheço, se ela fosse bem legal mesmo não faria tanto frio aqui. Ah, quem me dera não ser um limpador de chaminés, tenho certeza de que então eu teria uma caminha bem fofa e quente para dormir. Como sou fre um pobre limpador! Eu bem poderia ter nascido carteiro verdureiro ou então padeiro, como aquele de Taquarembó, qualquer coisa seria melhor do que isto que sou. (começa a falar ritmado) Seria tão bom ser um ferreiro ou então um sapateiro, um modesto sorveteiro, um valente marinheiro pelos mares a navegar. Seria bom... Seria bom...

VOZES- Uma casa! Um automóvel! Um palácio! Muito dinheiro! Um foguete!

PICO - Não. Não, isso é demais. (começa a música)

Seria bom  
se eu tivesse um telhado mais macio,  
e em lugar do céu um acolchoado azul anil.  
para me cobrir.

Seria bom,  
se eu tivesse uma estrêla diferente,  
menos bela, mas bem quente,  
para me aquecer.

Seria bom,  
se houvesse todo o dia ao meio dia,  
ao invês de barriga vazia,  
um bom prato de feijão  
um bife bem passado e um pedaço de pão.

Seria bom,  
se tudo mudasse de repente,



e eu sorrisse assim contente,  
ser feliz daí p'rá frente,  
seria bom.

Seria bom.

ter um pouco mais do que nada  
não muito, só uma pequena morada,  
e eu seria tão feliz, tão feliz.

Tudo seria tão bom. Tão bom.

(Vozes começam a gritar, como se as pessoas tivessem sido a  
cordadas pela canção de Pico)

VOZES- Que gritaria é essa? Quem está cantando a estas horas? Si  
lêncio!

Que impertinência! Cala o bico vagabundo! etc...

PICO- Calma, calma minha gente. Pronto, não canto mais, podem vol  
tar aos seus leitos quentinhos, já parei. Está bem, está '   
bem, não canto mais, desculpem-me por eu ter nascido. Ó dor,  
ninguém me entende, sou um cincompreendido, um incompreendi i  
do. Por que todos estão sempre tão nervosos, por quê?  
(Ouve-se a voz de Cabelinho, ainda fora de cena)

CABELINHO - Dona Flor! Dona Flor! Dona Flor!

PICO - Ai meu gogô! Deve ser uma bruxa e está vindo para cá. Con  
de! Conde! Estamos em perigo uma horrível e horrorosa e  
horripilante bruxa está nos atacando. Acorde. Acorde.

CONDE- Han!? O que quer agora Pico? Ainda não dormiu?

PICO - Você me deve sua vida, se eu tivesse dormido, não haveria '   
outro para salvá-lo das garras da feiticeira monstruosa que  
está nos ameaçando. Levante-se logo, antes que ela chegue.  
Ande!

CONDE- Ora, pô! Pico não seja tólo, bruxas não existem.

PICO - Esta que está rondando existe sim, escute só.

CONDE- Pois...

PICO- Psiu! Silêncio, ouça.

CONDE- Não ouço nada.

PICO - Espere um pouco. (ambos ficam atentos escutando)

CONDE- Para mim chega, Pico. Eu quero descensar, nada de me acor -  
dar com outra das suas, ouviu bem?

PICO - Está bem, se você não acredita em mim... tomara que a bru  
xa transforme você numa minhoca solteirona.  
Eu vou é me esconder.

CONDE- (sonolento) - Você está sonhando.

PICO (escondido) - Como posso ter sonhado se não preguei o olho?

CABELINHO (ainda fora) - Dona Flor! Dona Florzinha!

CONDE (amedrontado) - Acho que eu ouvi alguma coisa. Pico! Onde -  
está voce? Traidor! Deixou seu melhor amigo  
abandonado.

CABELINHO - Dona flor!

CONDE - Pico!

PICO - Esconda-se debaixo da cama se está com medo.

CONDE - Cama!? Que cama?

PICO - Sei lá, esconda-se em qualquer lugar enquanto há tempo.

CONDE - Voce me paga. (vai e esconde-se noutro canto)

## CENA - 2

CABELINHO (entoando) - Dona Flor! Onde está a senhora? Sou eu Ca-  
belinho. Dona Flor! Onde terá ela ido? Estou tão cansa-  
do de procurar, caminhei o dia inteiro e até agora: na  
da. Nem sinal...

CABELINHO - Por acaso voces não virem alguma flor por aí? Dona  
Flor é desse tamanho (gesto largo) e rosada, é a mais  
linda flor do mundo, só que agora ela sumiu. Por favor,  
quem viu minha flor? Voce não viu? Ela não passou lá  
pela sua casa? Ninguém viu alguma flor assim ali pelo  
parque? Eu gostaria tanto que ela voltasse. Onde estará  
Dona Flor? Dona Flor! (Chama novamente) (Conde e Pico  
saem de seus esconderijos)

CONDE - Ora é só uma menininha.

PICO - Uma garotinha perdida; o que anda fazendo a estas horas  
por aqui princesa?

CABELINHO (assustada) - Quem são voces? Se estão pensando em es  
saltar-me, desistam, pois sou uma menina bem pobre, e  
não gosto que me chamem de princesa.

PICO - Que mal-educada!

CONDE- Ninguém vai assaltá-la bobóquinha, e tampouco precisa  
ficar com medo, levaremos voce para a sua casa. Sabe  
o nome da rua onde mora?

PICO - Qual o nome do papi? E o da mamãe? Tente lembrar o nú  
mero de sua casa, assim fica mais fácil. Não chore. Não  
chore; tá?

CONDE- Como veio parar aqui em cima? Que caminho tomou? Fugiu  
da escola, é? Como é possível! Idade, quantos anos tem?



Veio a pé?

CABELINHO (atordoada) - Parem, Parem com tantas perguntas, acabam me deixando tonta. Sei. Sei muito bem onde fica a minha casa, não fugi do colégio e nem tenho vontade de chorar.

AMBOS- Mas então... não está perdida?

CABELINHO - Nem um pouco, quem está perdida é Dona Flor.

PICO - Dona Flor é sua gatinha, é?

CABELINHO- Não, Não. Dona Flor é uma flor mesmo.

PICO - Ora, onde já se viu procurar uma flor em cima do telhado?!

CABELINHO- Ela é uma flor encantada, desapareceu e eu estou procurando.

CONDE- E como é essa flor, talvez a gente tenha visto, não é Pico?

CABELINHO- Ela é assim (gesto largo), bem grandona.  
(Pico e Conde desconfiam)

PICO - Não seria um pouquinho menor?

CABELINHO - Não, é bem como eu estou dizendo, desse tamanho?. E as suas pétalas são cor de rosa e muito brilhantes, bem assim grandes, e além disso ela falava e cantava.

CONDE- Será que voce não está enganada? Talvez as pétalas fossem menores um pouco, as vezes a gente se ilude; e quem sabe se essa estória de falar não é impressão sua?

CABELINHO - Não, ela é exatamente como eu estou falando. Mas... ora voces não estão acreditando em mim. Pois, passem muito bem.

PICO - Espere! Não fique breba, o problema é que nós nunca vimos flores assim tão grandes, mas se você está dizendo que era nós acreditamos.

CONDE- E nós nunca ouvimos falar de flores que cantam tampouco

CABELINHO- Sim, porém estão esquecendo que esta não é uma flor igual as outras, é uma flor encantada. É a flor mais bondosa que jamais conheci, nem posso imaginar o que possa ter acontecido com ela. Morro de saudades da minha amiguinha e só... só de pensar (começa a soluçar) só de pensar eu sinto uma vontade louca de... de chorar. Ela era a melhor flor sobre a face da Terra. Eu quero tanto que ele volte. Tanto...(chora amargamente).

PICO - Puxe menina, não chore.

CABELINHO- Dona Flor, volte (sempre soluçando) que quero minha flor.



CONDE - Não se preocupe, havemos de encontrar Dona Flor, onde for preciso nós iremos procurá-la, atravessaremos até o caso no se necessário.

PICO - Sim, e afinal de contas uma flor tão grande e bela esta não pode desaparecer assim tão facilmente, ela deve saber onde ela está.



CABELINHO - Vocês são tão bonzinhos.

CONDE - Vamos, não chore mais, seque estas lágrimas; de agora em diante nós três procuraremos Dona Flor, seremos amigos in separáveis. Não é mesmo, Pico? (Conde lhe dá um lenço e Cabelinho assoa o nariz).

PICO - É claro Conde. Eu gostantanto da flores que um dia eu gostaria ver estes telhados cobertos delas, como se fossem ' um imenso jardim. A cidade ficaria tão linda! Você não a cha menina?

CABELINHO - Acho...

CONDE - Até agora você não disse como se chama.

CABELINHO - Meu nome é... Vocês não vão achar gozado?

AMBOS - Não.

CABELINHO - Juram ? (ambos- Juramos).

CABELINHO - Meu nome é... Cabelinho.

(Pico solta uma risada) Ele riu. Ele riu, você tinha jura do, você tinha jurado , não sabe manter a palavra.

CONDE - Parede rir, Pico, está ofendendo a menina.

PICO - (rindo sempre) - Desculpe-me, mas não posso. Cabelinho! Que nome mais gozado! Que engraçado.

CABELINHO - Se ele não passar...se não parar de rir imediatamente ' eu vou embora agora mesmo.

PICO - (tentando ficar sério) - Está bem. Está bem. Não vou rir mais, porém que esse nome é horrível, lá isso é.

CABELINHO - Meu nome mesmo é Rosângela, viu seu cabeça de porongo? Só que ninguém me chama assim, só me chamam de Cabelinho, tá?

CONDE - Não ligue para ele Cabelinho, eu acho o seu nome bem boni<sup>ti</sup>inho., viu?

PICO - (parando repentinamente) - É... pensando bem até que é ' bem legalzinho. Cabelinho...Cabelinho... é, é um nome ga nial! Todo mundo devia se chamar Cabelinho, todo mundo. É o nome mais lindo que conheço.

CABELINHO - Puxa, obrigada Pico.

CONDE - Bem, bem, agora que está tudo às mil maravilhas, temos '

que treçar um plano para as buscas de Dona Flor. paíta de alguém Cabelinho? Alguém que possa ter r...  
amiga que tanto quer?



CABELINHO- Sim, o Capitão Gancho.

PICO - O Capitão? Mas eu li no jornal ontem, que ele foi preso na ilha Vermelha, ele e todos os seus companheiros.

CONDE - Sendo assim, o Capitão Gancho está fora da lista de suspeitos.

Você sabe de algum outro que poderia ter feito essa malvadeza?

CABELINHO- Não, não sei de mais ninguém.

PICO - Conde! Cabelinho! Tive um a grande idéia, vamos até a torre abandonada falar com o Mago, talvez ele possa bem nos ajudar a descobrir uma pista; com seus poderes mágicos ele pode tudo saber na certa saberá nos dizer algo sobre Dona Flor.

CONDE - Eis aí uma idéia que pode ser chamada de inteligente e prática.

CABELINHO- Que grande idéia a sua Pico, você é um sábio?

PICO - (modesto) - Qual nada meus amigos, eu não mereço tanto.

CABELINHO - Vamos logo falar com o Mago da torre abandonada.

CONDE - Isso mesmo vamos. (Saem)

(PANO RÁPIDO)

CENA - 3

( O interior da torre, laboratório do Mago)

MAGO - ( ante dum baldeirão fumegante) - Desabrochai poderes do além; arrencai a dor dos espinhos de lagos perdidos. Claro está que a bela das nomes engraçados está se aproximando. Gaudeamus. Gaudeo. Igitur dum sumus. Sentar para fazer o que non querer e fazer o que non querer sentar. Veni. Vidi. Vinci. Qual animal? Qual? Boboca esse demônio menina bo-be que nocomer. Conseguir! Eu conseguir. Eureka. Eureka. Eu ser agora o maior Mago da Galáxia, mil coisas saber fazer.

Acebo de transformar um pedra em água. Eu ser um gênio genial. O maior dos Magos. Viva. (começa a dançar e a cantar alegremente)

Eu ser o maior. O maior. (dirige-se ao público). Existe ou tro neste mundo que poder transformar pedra em água?

- MAGO - No, No, No. Solo jo.  
Digam-me, poder haver um coisa melhor para um mágico além de encontrar uma nova fórmula? Eu sou tão contente. Eu ser uma gênio geniálico. No sou? (Batem à porta) Agora , quem será a esta hora do noite? Quem estar batendo?
- CONDE - Oh de casa!
- MAGO - Quem ser e o que querer?
- CABELINHO- Abra, é urgente.
- MAGO - Mas eu não conhecer você, não posso abrir.
- CABELINHO- Eu sou Cabelinho e preciso de ajuda.
- MAGO - (ao público) Cabelinho? Eu não conheço nenhum Cabelinho. Deve ser algum vilon querendo me passar a perna para roubar os meus fórmulas mágicas, mas no sou bobo no. ( para fora) Von embora, eu non vou abrir o porta para trapaceiros. Deem no pé, sei muito bem que eston querendo roubar' os meus fórmulas mágicas.
- CABELINHO- Não tenha medo seu Mago, somos amigos.
- PICO - Deixe-nos entrar, é caso de vida ou morte.
- CONDE - O senhor está enganado, não somos malfetores. Eu sou Conde o limpador de chaminés.
- PICO - E eu sou Pico, lembra-se de nós?
- MAGO - Conde? Pico? Será mesmo verdade que são eles? Mas é claro que eu os conheço, vou abrir a porta, mas... não será alguma trapadeiro tentando iludir-me? Se forem mesmo eles , será um vergonha para mim deixá-los tanto tempo no rua. (Dirige-se à porta) Non, non vou abrir coisa nenhuma, poden ser ladrones de fórmulas. E esse tal de Cabelinho, non seria alguma Feiticeira recém saída da escola de bruxas? Helas, Elias, Herodes! Não sei o que fazer; abrir ou non abrir eis o questão.
- CABELINHO - Senhor Mago. Senhor Mago, abra depressa!
- MAGO - Está bem, está bem abrirei; porém antes vou esconder meus segredos, eu não ser trouxa non. (Esconde alguns livros e pergaminhos) Pronto. Agora, seja lá o que Odin quisee. (Vai e abre a porta)



CENA - 4

(Entram Cabelinho, Pico e Conde)

- MAGO - Puxa, são vocês mesmo! Helàs, Elias, Herodes! Perdoem-me, pensei que se tratasse de salteadores querendo me roubar.

- MAGO - Aqui a gente precisa estar com os olhos sempre bem abertos, senon acaba sendo lesado. Existem mágicos trapaceiros que não sabem nada, e vivem tentando tirar as idéias dos outros, porisso eu fico sempre com os olhos bem abertos.
- CONDE - E faz muito bem senhor Mago.
- MAGO - Fico contente de vê-los novamente, e esse menina quem é?
- PICO - É nossa amiguinha; Cabelinho é seu nome.
- MAGO - Cabelinho! Que lindo nome!
- CABELINHO - O senhor acha mesmo?
- MAGO - Claro, Cabelinha é nome de rainha, quer dizer o que está na cabeça, acima de tudo. É uma nome muito importante. De flendus Cabelinho est, lazioeque silenta linguas. Anima, vangula, blandula...
- CABELINHO - Cêus, o que deu nele? Está tendo um ataque.
- CONDE - Não se assuste Cabelinho, é que o Mago fala mil línguas es tranhas e quando se empolga mistura tudo.
- MAGO - Hospede comesque corporis, quee nunc abibis in loca!
- CABELINHO - Louca, eu?
- MAGO - No, no eu quis dizer: Quee nunc abibis in loca, entendeu a gora?
- CABELINHO - Ah, sim claro. Mas vamos fazer de conta que eu não entendo e falemos em português, que é muito mais bonito.
- MAGO - Português! Eu esqueci como falar em português.
- CABELINHO - Esqueceu? Mas o senhor está falando agora.
- MAGO - Ahn, ah sim? Eu sou tão distraído!.. Só não me distraio com os malvedos que tentam me roubar, isso nunca. Pallidula, vafulla, comesque corporis. Rosa, rosas, rosas, rosarum. Lupus, lupi...
- CONDE - Procure controlar-se- senhor Mago.
- PICO - Ele está cada vez pior.
- MAGO - Desculpem-me meninos, é que eu estou muito nervoso, pois eu acabo de descobrir algo de fantástica para a humanidade, imaginem voces o que é?
- PICO - A fonte da juventude!
- CONDE - A máquina do tempo!
- MAGO - No, no é nada disso: eu descobri como transformar pedra em água.
- CABELINHO - Que bacana, seu Mago!
- PICO - Não vejo nenhuma vantagem nisto.
- MAGO - Estão vendo este panelon? Pois eu o enchi de pedras, de pois, derramei tres gotas de sangue de lagarto dourado, uma colher pequena de pó de asa de borboleta do Amazonas, sal

Salinas, pimenta da Índia e chá do Reino, pinguei baba de moça solteira, azeite serdo, muito iodato de clorodato com so dióxido de fosforóaco e então, quando vi as pedras começaram a transformar-se em  $H_2O$ . Foi lindo ...

PICO - Mas o senhor disse que elas tinham se transformado em água, depois falou que era esse negócio de  $2H_2O$ , não entendo.

MAGO -  $H_2O$ , Pico.

CABELINHO - Essa é a maneira científica de chamar a água, não é seu Mago?

MAGO - Isso mesmo, menina.

PICO - Que complicação! Para mim água é água e pronto.

CABELINHO - Ah, senhor Mago, o senhor que conhece tantas coisas e que fala tantas línguas, ajude-me a encontrar minha flor.

MAGO - Seu Flor?

CONDE - Sim, estamos à procura de Dona Flor, amiga de Cabelinho que desapareceu da floresta encantada. A gente veio aqui para ver se o senhor poderia nos ajudar a encontrá-la.

PICO - Sei que há muitos anos o senhor descobriu o fogo mágico que revela todos os segredos da Terra; com ele poderia também descobrir onde está Dona Flor.

MAGO - O fogo mágico? Nunca! É perigoso. No. No. Revela coisas de mais, acaba-se sabendo coisas desastrosas para nós, verdades terríveis que estão acontecendo: pestes, guerras, tragédias horríveis e incompreensíveis. É perigoso, muito perigoso. Eu esconder o fogo mágico nos labirintos desta terra, ninguém pode encontrá-lo, só eu sei onde está, mas não quero saber dele pois só me trouxe tristezas. Jurei não vê-lo nunca mais. Vocês podem pedir qualquer outra coisa, menos isto. No. No. Eu non querer, no pedir qualquer outra coisa, menos isto. No. No. Eu non querer, no isso nunca. Nulla. Blandulla. Nulla. É perigoso saber muitas coisas.

CABELINHO - Por favor seu Mago ...

MAGO - Eu compreender seu tristeza Cabelinha, porém com o fogo mágico eu já vi tantas coisas tristes no mundo, que eu non tenho mais coragem de pegá-lo.

CABELINHO - Eu sei que às vezes as pessoas fazem muitas trapalhadas, e as trapalhadas até viram sérias confusões, porém no fundo elas não são tão más quanto parecem, tenho certeza que não.

MAGO - Eu não teria tanta certeza Cabelinho. Não conheço ninguém bom.

CONDE - Ninguém?





PICO - O senhor é um péssimo pessimista seu Mago.

CABELINHO - Eu conheço muita gente boa por aí, minha flor Pico e Conde, eles não são bondosos? E toda essa meninada que nos olha, não são pessoas queridas? É claro que de vez em quando fazem das suas, mas é porque ainda não aprenderam que a coisa mais importante da vida é a amizade, o amor. Eu acredito, seu Mago, apesar de toda essa bagunça a nossa volta, eu acho que um dia as coisas vão melhorar. (começa música).

Eu acredito que o mundo mudará,  
num dia de céu azul  
e de sol dourado,  
num grande abraço todos  
cantando, amigos  
pelos campos sorrindo, irmão  
sem que exista qualquer dor,  
pensando somente no amor.  
Será lançada uma nova semente,  
a felicidade reinará daí  
para frente, sempre, sempre.

MAGO - Que linda canção Cabelinho! Você merecer que eu a ajude a encontrar sua amiga flor, é uma boa menina. Helás, Elias, Herodes.

CABELINHO - Eu gostaria tanto de achá-la, seu Mago.

PICO - Não se preocupe Cabelinho, nós vamos encontrar Dona Flor. Amigos são para essas horas difíceis.

MAGO - Cabelinho, se voce me responder corretamente ao que vou lhe perguntar, pode ter certeza de que irei ao labirinto buscar o fogo mágico.

PICO - Puxa, isso é traição seu Mago.

MAGO - Esta manina me parece muito inteligente, se ela responder a meu pergunta terá demonstrado grande sabedoria.

CABELINHO - Pode perguntar seu Mago, estou pronta.

MAGO - O que eu quero saber é o seguinte: Que animal ao acordar anda sobre quatro patas, ao meio-dia sobre duas e à noite sobre três?

PICO - Bah, essa é difícil p'rã xuxú, não valeu, faça outra seu Mago.

CONDE - Deixe Cabelinho pensar Pico.

MAGO - Pense, pense bem menina.

(Pico e Conde torcem - momento de suspense)

CABELINHO - É o homem. Sim, o homem; na sua infância engetinha, quando do grande anda sobre as duas pernas e na velhice anda com uma bengala para apoiar-se, é isto.

MAGO - Acertou Cabelinho, agora tenho certeza que é mesmo muito inteligente.

PICO e o CONDE - É a maior! Viva!

MAGO - Bem, promessa é dívida, vou buscar o fogo mágico no labirinto.

(ssi)

PICO - Barbaridade! Como você pode descobrir a resposta para aquilo Cabelinho?

CABELINHO - Eu pensei um pouco, foi tudo.

CONDE - Você é uma menina muito sabida.

CABELINHO - Que nada.

PICO - É sim, é a sabida mais sabichona que conheço.

CABELINHO - Vocês estão sendo tão bondosos para mim.

PICO - Que nada, você merece.

( o Mago volta trazendo um brazeiro aceso e fumegante)

#### CENA 5

MAGO - (entrando) - Eis aqui o fogo mágico, a chama eterna que revela todos os segredos do Universo. Aproximem-se. Aproximem-se.

CABELINHO - Será que este fogo vai mesmo nos revelar onde está Dona Flor.

Não parece ter nada de especial, é um foguinho igual a qualquer outro.

MAGO - Espere e verá. Espere e verá. Quae nunc fôgus fogorum fala dorum.

Quentorum, calorius, magicíssimo chamalica. Revelai aos nossos olhos o lugar onde estar Dona Flor. Fulgius, fulgurantis, fogos.

Falai!

PICO - É agora que ele vai falar seu Mago?

MAGO - Psiu, silêncio, Olhem, olhem ali, na meio, na meio, ali, estar surgindo a magnífica revelação. Helàs, Elias, Herodes! Que horror!

CABELINHO - Vejam, é Dona Flor. Aquela, é aquela.

CONDE - O que houve seu Mago?





- MAGO - É terrível, terrível. Cabelinho, lamento dizer, porém acho que você não poderá jamais ver sua amiga.
- CABELINHO - Como? Por que? O que está dizendo seu Mago? Ela não está bem?
- MAGO - Sim, ela está bem, todavia a Suprema Corte do Mundo das Flores, escolheu-a para morar na Paraíso de Bela Flora, e quem para lá vai, jamais volta para esta vida.
- CABELINHO - Mas... por quê? Por que não pode voltar? Por que ela foi escolhida?
- MAGO - As mais belas flores são sempre escolhidas para viverem em Bela Flora, vão para lá para fazerem parte da corte do reino das flores, a corte é maravilhosa tudo são cores e flores, porém nenhuma ser humana pode chegar até lá.
- CABELINHO - Quer dizer então, que jamais voltarei a ver Dona Flor? (começa a soluçar)
- MAGO - Infelizmente é o triste verdade, Cabelino.
- CABELINHO - Nunca mais escutarei suas histórias e suas cantigas?
- MAGO - Procure entender meu filhinho.
- CABELINHO - Pico. Conde. Vocês precisam me ajudar, ouvirem o que disse o Mago? Minha flor partiu, minha melhor amiga não voltará nunca ao seu lugar na floresta encantada, não poderei mais vê-la, partiu para sempre. (chora amargamente).
- CONDE - Não se preocupe Cabelinho, na certa encontrará outra flor para ser sua amiga.
- PICO - Sim, nós mesmos vamos ajudá-la a achar uma flor bem bonita, existem milhares de flores espalhadas no mundo, você poderá tornar-se amiga de todas elas.
- CABELINHO - Não, eu quero é Dona Flor, nenhuma outra é igual a ela.
- MAGO - Non chere, Cabelinho. Olhe, não longe daqui existe um flor muito bonita., vá conversar com ela, tenho certeza de que gostará dela.
- CABELINHO - Não quero, só gosto de Dona Flor.
- PICO - Que menina manhosa.
- CONDE - Não nos custa nada ir falar com esta flor, Cabelinho, talvez até ela possa nos contar algo sobre Bela Flora.
- PICO - Quem sabe até ela nos ensine uma maneira de chegar lá.
- CABELINHO - Está bem, então vamos. (vai saindo)
- CONDE - Diga adeus ao senhor Mago.
- CABELINHO - Adeus senhor Mago, obrigada pelo que fez por mim.
- MAGO - De na Cabelinha, de nada. Gostaria de ajudá-la ainda mais.

Boa sorte.

PICO e CONDE - Adeus seu Mago. (Saem, só o Mago em cena)

MAGO - Floris, Floridis lindíssima perdida está. Pobre Cabelinha,  
Helês, Elias, Herodes!  
( PANO RÁPIDO)

#### CENA 6

(Cena: uma campina, a flor está adormecida) (entram Pico ,  
Conde e Cabelinho)

PICO - Acho que ela é aquela ali.

CONDE - Fale baixo, não vê que está dormindo?

CABELINHO - Que florzinha bonitinha! (Vai para perto da flor)

CONDE - Vai acordá-la, não chegue tão perto.

PICO - Tomera que ele te pegue e puxe as orelhas.

CABELINHO - Que nada! Aprendi com Dona Flor todas as manias das flo-  
res e das frutas, não se preocupem, vejam só como se faz ' para  
acorder uma flor; Socorro.Socorro. Os índios, os índi os  
querem nos pegar. Salve-se. Estamos presos, os canibais nos  
cercaram. Ajudem-me por favor. (A flor não se mexe. Ca  
belinho grita mais) Socorro. Socorro.(para seus amigos de  
soleda) Acho que não aprendi todes as manias das flores, ou  
então esta aí é diferente das outras.

PICO - É... parece que o seu método falhou.

CABELINHO - (no ouvido da flor) - Dona flor acorde, não está me ou -  
vindo dorminhoca? Os índios vão devorá-la.

CONDE - Quem sabe ela é surda, Cabelinho?

CABELINHO - Surda coisa nenhuma esta flor é uma grande preguiçosa is  
te sim,(sacudindo a flor) Dona flor, os canibais vão fazer  
salada da sua corola. São dezenas deles, centenas, milhões  
de milhares de índios, apaches, comanches, tupiniquins e  
zulus, todes, todes, Vamos, acorde.

#### CENA - 7

FLOR DO CAMPO (acordando) - Que horas são? Ainda é tão cedo, o sol '  
nem sequer nasceu, ainda, deixe-me dormir mais um pouquinho,  
vã.

CABELINHO - É que os índios...

FLOR DO CAMPO - Deixe os índios em paz, eles não vão fazer mal a uma  
florzinha inocente como eu... e eu quero dormir, estou tão  
cansada. (adormece novamente)





- CONDE - Parece que não de certo Cabelinho.
- PICO - Que for mais preguiçosa, né? O que vamos fazer
- CABELINHO - Temos que achar uma maneira de acordá-la.  
(Dirigem-se ao público discutindo uma maneira de acordar a Flor do Campo)  
Esperem, sei de uma maneira que vai acordá-la logo, logo' e desta vez não falhará, tenho certeza. (aproxima-se da flor e põe-se a gritar) Flor. Flor. Cuidado, as formigas estão chegando, saúvas, vermelhas, pretas, vão destruir' todas as flores. Salve-se quem puder. As formigas, as ' formigas, socorro!
- FLOR DO CAMPO - Formigas? Socorro. Socorro. Não deixem elas me pe gar. Não deixem. (A flor corre, choca-se com Pico e des - mais em seus braços) Ai! Um formigo me pegou.
- PICO - Desmaiou. Puxa Cabelinho, esse método de acordar flores' é mesmo muito eficaz, veja como treme a coitadinha.
- CABELINHO - Pobrezinha, não queria assustá-la tanto.
- CONDE - Puxa, como é sensível, deixe-me abaná-la.  
Não precisa ficar preocupada Cabelinho, essas coisas a contecem mesmo quando se está só brincando.
- PICO - Vejam, seus olhos estão se abrindo, está reanimando-se. Sente-se melhor Flor do Campo?
- FLOR DO CAMPO - Onde estão elas? Onde estão? Não deixem que elas ' me devorem, não deixem.
- CONDE - Está delirando.
- CABELINHO - Calma Flor do Campo, foi tudo uma brincadeira, não exis te formiga alguma.
- PICO - Foi só um brinquedinho.
- FLOR DO CAMPO - Um brinquedinho? Cãus, como existe gente malvadaã neste mundo!
- CABELINHO - Eu só queria acordá-la.
- FLOR DO CAMPO - Quase caem todas as minhas pétalas como se uma tem pestade desabasse sobre mim, quase morro de susto, eu, ' que procuro sômente a paz, fico sempre quietinha aqui no meu canto, sem incomodar ninguém, eu que nem sequer falo para não perturbar os outros, por que hei de merecer um' susto desses? Isso é muita maldade de vocês. E esse bru to (para Pico)? Me apertou tanto com essas suas patas ' que quase me esmigalhou toda.
- PICO - Eu?!

FLOR DO CAMPO - Você sim, queria me estragar, pensa que eu não sei, pensa? Você é um brutamontes, não sabe tratar com flores delicadas como eu.

CONDE - É que nós estamos muito preocupados com uma coisa terrível e desastroso.

FLOR DO CAMPO - E é a mim que vem contar isto? Eu que estou sendo a maior vítima do desastre.

CABELINHO - A gente gostaria que você nos auxiliasse.

FLOR DO CAMPO - Auxiliá-los? Só se fosse para auxiliá-los a ir para a cadeia.

CABELINHO - É algo muito importante Flor do Campo.

FLOR DO CAMPO - Se fosse mesmo importante, vocês não perderiam tempo assustando os outros,. Por que não vão embora? Estou muito cansada, voltem outro dia, tá ?

PICO - Mas é um caso de vida ou de morte.

FLOR DO CAMPO - Hum!

CABELINHO - Escute Flor do Campo, Estamos procurando Dona Flor minha amiga da floresta encantada, ela foi convocada para viver em Bela Flora e eu quero saber o caminho para ir buscá-la, porisso no momento estamos aqui, queremos saber como se chega lá.

FLOR DO CAMPO - Como se chega em Bela Flora? Shii, é longe, uma vida para chegar até lá. Além do mais, isto é um segredo de estado que nenhuma flor pode contar sob pena de ser jogada num formigueiro, jamais poderão chegar em Bela Flora , podem desistir, voltem para casa que é a melhor, coisa ' que podem fazer.

PICO - Ora, mas ninguém está nos ouvindo Flor do Campo, o que é que custa nos dizer?

FLOR DO CAMPO - Logo quem está me pedindo isto. Eu posso ser pobre, feia e sem graça, mas nunca vou trair o mundo das Flores.

CABELINHO - Que mal há em nos dizer, eu não compreendo...

FLOR DO CAMPO - Vocês homens querem meter o nariz em tudo.

CONDE - Ora vamos Flor do Campo, como se chega a Bela Flora?

FLOR DO CAMPO - Não adianta vir com manhas para o meu lado, eu posso ser humilde, não ter muita cultura, mas podem estar seguros que do meu bico não vai sair nada.

CABELINHO - Bem, sendo assim, só nos resta partir. Dona Flor está mesmo eternamente perdida para mim, nunca mais poderei ' lançar meus olhos sobre ela. Vamos embora...



FLOR DO CAMPO - Olha menina, me desculpe, viu? Sei que é triste quando um amigo de gente vai embora, porém eu nada posso fazer, se eu conto a vocês, posso perder o direito de ir para Bela Flora também, e o meu maior sonho é ficar bem bonita para ser convocada a ir morar lá também.

CONDE - Deve ser uma terra tão linda, é pena que não se possa chegar lá.

CABELINHO - Eu também gostaria tanto!

PICO - Lá não tem poluição, tem?

FLOR DO CAMPO - Não tem que?

Nem sei o que é isso.

CONDE - Poluição é aquilo que destrói a natureza.

FLOR DO CAMPO - Ah, coisas assim como as formigas, é?

PICO - Não, não pior que isto. Poluição é a sujeira das chaminés' a fumaça, o barulho de carros, de aviões, é o lixo, isso é que é poluição. Ela é tão perigosa que pode terminar com tudo o que existe na face da Terra.

FLOR DO CAMPO - Crede que horros! Pobre de nós florezinhas. Em Bela Flora não existe nada disto, lá é tudo limpo e bonito.

PICO - Aposto companheira, como nem frio faz lá.

FLOR DO CAMPO - Frio? Só o pouco necessário para deixar as flores mais belas ainda.

PICO - Nem frio, nem poluição, que beleza!

FLOR DO CAMPO - Isso de poluição é coisa de doidos, eu é que não quero saber disso por aqui. Bem, agora vou lá para perto do calcão dormir mais um pouco, aqui está muito desabrigado! Até outro dia peço desculpas por não poder dizer nada sobre Bela Flora. Adeus e voltem aqui qualquer dia desses, tá? (Saíndo bocejando) Quessono!

TODOS - Adeus Flor do Campo.

PICO - Ora, esqueci de perguntar a ela se havia alguém morando nos telhados em Bela Flora.

CONDE - Não devem existir sequer telhados no reino das flores Pico

PICO - Que bom, né? Onde não há telhado, não há chaminés, e onde não há chaminés não há também limpadores de chaminés.

CABELINHO - E agora o que vamos fazer para achar minha flor?

CONDE - Temos de pensar numa saída.

CABELINHO - Sim, a gente pensando sempre encontra uma solução para os problemas. (Começam a pensar)

PICO - O que é que ganha quem achar primeiro a solução?

CONDE - Nada Pico, nada.

PICO - Ah, então não tem graça, nenhuma isto.

CABELINHO - Pico, você não está pensando.

PICO - Estou sim. (Pausa) Acho que eu não sei como é que se pensa gente. Não acho nenhuma solução...

CABELINHO - Você deve se concentrar bem.



### CENA 8

( Surge Viramundo sorrateiramente )

VIRAMUNDO - Buuu. Buuu. Buuu.

(os outros não dão atenção)

CABELINHO - Estou certa de que deve haver uma maneira de chegar a Bela Flora.

CONDE - Certamente.

PICO - Não sei, não, eu já estou ficando com dor de cabeça de tanto pensar.

VIRAMUNDO - Buuu. Buuu. (Continua sempre até desesperar-se pois os outros não notam a sua presença)

PICO - Que coruja mais chata esta.

VIRAMUNDO - Coruja chata é voce paspalhão.

PICO - O que disse Conde?

CONDE - Eu não falei, deve ter sido Cabelinho.

CABELINHO - Eu não falei nada.

PICO - (amedontrado) - Então... se não foi nenhum de nós...

JUNTOS - Quem terá sido? !

VIRAMUNDO - (surgindo rápido) - Quem será tido?

Ora quem poderia ser senão eu, Viramundo, o rei dos vagabundos. E fique (para Pico) sabendo que não gostei nem um pouco daquela estória de me confundir com uma coruja.

CABELINHO - Deixe Pico em paz, ninguém mandou você ficar querendo nos assustar, merecia até ser chamado de coisa pior. E se você é um malfeitor acho bom ir dando no pé imediatamente, pois não estamos dispostos a aturar bobalhões metidos a valentes.

PICO - É isso mesmo.

CONDE - O que está fazendo aqui a estas horas?

VIRAMUNDO - Um momento, não confundam as coisas, posso ser vagabundo mas malfeitor nunca. E que poedria eu estar fazendo aqui se não vagabundeando meu chapa? E vocês são vagabundos também?

Não se parecem muito com os outros que eu conheço.

PICO - Que falta de gosto, isto lá são horas de vagabundear? E fique sabendo que aqui não há nenhum vagabundo, viu?

VIRAMUNDO - Ora, confessem que são novatos na profissão de vagabundo e a mim não enganam.

CONDE - Nada disto, somos honestos limpadores de chaminés e na é aluna do curso fundamental.

VIRAMUNDO - (Dramático) - Aí está, aí está a prova do maior engano do século, todos confundem os vagabundos com trapaceiros, só porque somos diferentes dos outros, não temos casa, nem família, somos como ciganos, nosso lar é o mundo e nosso teto é o céu. Ó dor, como se enganam conosco! Ninguém nos entende, ninguém.

CABELINHO - Ninguém quis ofendê-lo Viramundo.

VIRAMUNDO - Que culpa tenho eu de não ser igual a todo mundo? Quando menos se espera jogam em nossa cara a grande verdade. O que há de anormal em viver correndo mundo sem lenço e sem documentos e sem nada nos bolsos ou nas mãos? Ninguém me entende. E eu sou tão bonzinho para todos. Meu sonho é abraçar o mundo, conhecer todos os lugares da Terra, estar cada dia num país diferente com gente diferente. Ah, que pode haver de melhor?

PICO - Que dramalhão por tão pouco!

VIRAMUNDO - Ah, viajar, viajar...Paris...subir ao alto do mais alto dos edifícios de Nova York e gritar aos quarenta ventos: Viva os vagabundos de todo o Universo!

CONDE - Está certo Viramundo, está certo, mas sabe que Nova York fica longe p'rá burro daqui? Você levará anos até chegar no alto de um de seus altos edifícios.

VIRAMUNDO - O que importa? A questão é que um dia eu chegarei lá, disto tenho certeza. E vocês que rumo vão tomar? Esperem, não digam, quero adivinhar. (pensativo) Se eu digo que vou para aquele lado é porque vou para Paris, para lá à direita fica o deserto de Sahara, bem... mas o que iriam vocês fazer num deserto daqueles? Não, certamente não é para lá que irão. Talvez estejam indo para o outro lado, onde ficam as imensas montanhas dos Andes a maior das cordilheiras, ah, esqueçam meus amigos, nem tentem chegar no topo destas montanhas elas somem-se no céu e o frio é terrível, é alto demais, jamais chegarão lá em cima. É melhor irem para a Bahia, lá sim é que é bom.

CABELINHO - Escute Viramundo, ninguém aqui está querendo ir para o deserto ou disposto a escalar montanhas, nem queremos ir para à Bahia. Estamos é a procura do caminho de Bela Flora, o reino das flores.



- VIRAMUNDO - Então querem ir a Bela Flora? Já estou cansado de 
- PICO - Está cansado de conhecer? Como, se todos nos dizem proibida a entrada de qualquer ser humano por lá?
- VIRAMUNDO - Todos menos Viramundo, para mim não existem barreiras.
- CABELINHO - Diga-nos como chegou em Bela Flora?
- VIRAMUNDO - Ora, foi fácil, aliás é um ótimo lugar para tirar umas férias, fica pertinho de Blida-Blida, próximo da montanha das Neves Azuis, onde vive o Yeti, após cruzar a montanha chega-se a floresta dos Pernas Compridas, eis então o Golfo dos Beduínos atravessamos, vejam pois à nossa frente a ilha do Leitão, que lugar maravilhoso! Não deixem de comer bananas por lá.
- Que delícias! Deve-se entrar na ilha pelo norte, pois o sul é muito perigoso, é a terra dos Dentes de Leite, selvagens e rezes. Após aportar é preciso caminhar pela estrada da direita até a Árvore dos Sonhos, tomaram o rumo certo? (os três deixam se levar pela narrativa de Viramundo, participando dela) Bem, agora vejam a Ponte dos Espirros, quem nela passa não deixa de espirrar, vamos cruzá-la. (Todos espirram) Olhem agora para aquele lado, que estão vendo? (Olhem para o público).
- CABELINHO - Um menino chupando o dedo.
- CONDE - Muitas crianças.
- PICO - Uma vestida de azul outra de vermelho.
- VIRAMUNDO - Isto mesmo, é sinal de que chegamos ao Reino da Criança, porém passem reto, não entrem, pois não temos tempo a perder. Sigam sempre o Muro de Pedras até abaixo do Rio Molhado, mas não esqueçam de beberem um pouco da água na Fonte da Fortuna! Pouca, ela é miraculosa, beberam? Prossigamos então.
- CABELINHO - Viramundo, falta muito? Não aguento mais, tenho fome e sede.
- VIRAMUNDO - Continue, continue, logo chegaremos ao oásis dos Sobreviventes, ali há comida a valer, para quem conseguir vencer.
- PICO - (delirante) - Eu não dou mais nem um passo, me faltam forças para continuar, sigam vocês amigos, eu fico...adeus, que a sorte os acompanhe, tudo está terminado para mim...
- CONDE - He, Pico! O que está se passando com você? Não se sente bem?
- PICO - (delirando, dramático) - Podem ir, podem ir, não tenho o direito de atrapalhar a caminhada, encontrem Dona Flor...Adeus. Ai, essa sede me devora. O camelo preto... o camelo preto se aproxima.
- CABELINHO - Pobre Pico, está delirando

- CONDE - Vamos Pico, acorde, está tudo bem, nós nem sequer sabemos de  
lugar onde estávamos, levante-se garotão, o que aconteceu?
- PICO - Ahn! Onde estou? Que vejo? É você Conde? O meu amigo  
bem vê-lo novamente. Cabelinho é você! Puxa, que pesadelo,  
pensei estar no deserto perdido.
- CONDE - Agora está tudo bem Pico, tudo já passou. (para Viramundo) E  
então seu Viramundo, falta muito a chegar a Bela Flora ou  
vai desistir de nos levar até lá?
- CABELINHO - Será possível que para chegar a Bela Flora seja preciso  
dar a volta ao mundo?
- VIRAMUNDO - Bem... não, quer dizer sim. Ou... sim, é isso.
- CONDE - O que quer dizer?
- VIRAMUNDO - Vou... vou tentar explicar.
- CABELINHO - Ache muito bom mesmo.
- VIRAMUNDO - Sabe o que é, é que... que (Fica gago) que... é... no, na...  
em.
- PICO - Ele ficou gago.
- CONDE - Desembuche meninão. (Viramundo faz sinal para que lhe deem  
um tapa nas costas)
- CABELINHO - Está trancado, dê-lhe um tapa nas costas, Pico, assim me  
lhora... (Pico obedece)
- VIRAMUNDO )Aliviado) - Obrigado, é que... bem, para ser bem honesto e  
verdadeiro devo confessar que... que... (fica gago novamente)  
eu. (Pico dá-lhe um tapa novamente) Eu não sei onde fica Be  
la Flora.
- CONDE - Grande novidade!
- PICO - Que sem-vergonha!
- CABELINHO - E nos fez passar por bobos, não sabe... não sabe o cami -  
nho. (Soluçando) Era tudo mentira... tudo.
- PICO - Viu só seu engraçadinho o que fez com a menina? Vou lhe dar  
uma lição. (avança sobre Viramundo)
- CONDE - (barrando-lhe a passagem) - Não faça isto, Pico, por pior  
que tenha sido a atitude de Viramundo, não temo o direito  
de bater nele. (Para Viramundo) O que você fez Viramundo, é  
muito feio.
- VIRAMUNDO - Não fiz por mal, só queria ajudar.
- PICO - Ajudar? Então não sabe que só complicou? De nada serviu sua  
entrada em nossa estória.
- VIRAMUNDO - Eu sei, desculpem-me, porém acho que sei de alguém que po  
derá ajudá-los, perguntem ao barqueiro na beira do lago,  
ele saberá dizer alguma coisa a vocês sobre Bela Flora, sim,  
perguntem ao barqueiro (Saindo). Falem com ele, adeus. (Sai)

- CONDE - Pobre Viramundo, será que não pensa de vagabundear?
- CABELINHO - Tenho pena dele, pobrazinho.
- CONDE - É simples Cabelinho, ele não sabe distinguir o bem do mal, vive sonhando coisas impossíveis, é um menino no mundo da lua. Bem, vamos logo falar com o barqueiro, talvez ele saiba mesmo alguma coisa.
- CABELINHO - É, estamos perdendo tempo. (sacam-peno rápido)

### CENA 9

Cena -. À beira de um rio ou lago está um barqueiro e uma espécie de veleiro.

BARQUEIRO - (anunciando) - Senhoras e senhores. Vai sair, vai sair a barca da Esperança. Senhoras passageiras queiram tomar seus lugares; vai começar a viagem, a maior expedição de todos os tempos.

Entrem, entrem vai partir, barco igual não há no mundo, vamos conquistar os mares, os rios, as lagoas, os arroios nunca dantes navegados. Quem quer vai, quem não quer fica. Vamos subindo, vamos subindo. É hora de partir.

(Cabelinho e seus amigos entram)

CABELINHO - Vejam, a barca já está saindo!

PICO - Ei! Espere. Nós também queremos ir.

CONDE - Senhor barqueiro! Senhor barqueiro, há lugar para nós? Queremos ir junto.

BARQUEIRO - Ah! Enfim chegaram, fazem quatrocentos anos que estou a espera de vocês! Onde se meteram todo esse tempo? Não poderiam ter ao menos enviado uma carta ou telefonar avisando que iriam demorar tanto? Por que ao menos uma vez na vida não acordam mais cedo? Andem, que estão esperando? Subam logo, já é tarde, estamos atrasados.

PICO - Ele está completamente doído.

CONDE - Deve estar nos confundindo com outros.

BARQUEIRO - Vai sair. Vai sair.

CABELINHO - Para onde o senhor vai, senhor barqueiro?

BARQUEIRO - Ora Joaquina Antonia, para onde haveria de ser senão de volta ao mesmo lugar de onde saímos?

CABELINHO - Meu nome é Cabelinho, não Joaquina Antonia, e poderia fazer a gentileza de dizer de onde saímos?

BARQUEIRO - (rindo) - Sempre a mesma, hen? Agora arranjou até outro nome; essa mocinha não tem mesmo arrumação, é treveza como só ela.



- BARQUEIRO - ...Mas não temos tempo a perder, subam logo, a noite não tarda.
- CONDE - Só subiremos se nos disser para onde vai.
- PICO - Isso mesmo, fale agora ou cale-se para sempre.
- BARQUEIRO - Ora, vejam só, além de serem uns desmemoriados ainda que rem bancar os valentões para o meu lado? Onde é que nós estamos minha gente?! Se não querem levar umas boas palmadas quando chegarem em casa, aconselho a que entrem nesta barca imediatamente, ou então contarei tudo à mão de vocês.  
(Clarins soam, anunciando a chegada do rei)
- ARAUTO - (fora de cena) - Abram caminho. Abram caminho, deixem passar o rei, saiam todos. Aqui del rei, abram passagem.
- BARQUEIRO - Céus! O rei está vindo para cá, vai viajar conosco. Olhem lá vem ele, saiam da frente.  
(Entra o rei, um arauto e um laçoio)
- ARAUTO - Aqui del rei, saiam da frente todos.
- BARQUEIRO - (para os outros) :- Abaixem-se. ( O barqueiro faz uma reverência).
- PICO - Como?
- BARQUEIRO - (nervoso) - Abaixem-se.
- CABELINHO - Abaixar-me por quê?
- Barqueiro - A reverência, façam a reverência.
- REI - Peguem-nos, peguem-nos. Cortem-lhes a cabeça. Insolentes, então não sabem que um rei deve ser respeitado? Irão para a guilhotinha por não curvarem-se diante de mim, o maior dos reis.
- BARQUEIRO - Minha digníssima, justa e magna majestade, peço-lhe que perdoe esses jovens estrangeiros, ainda não conhecem os hábitos de nosso reino, não os leve a mal, só eu sei que é difícil é para eles entenderem alguma coisa, pois são uns pobres coitados, um é surdo, o outro é mudo qual uma porta e a infeliz menina é cega, perdoe-os senhor, embora tenham ferido tão profundamente vossa dignidade, não foi por mal que o fizeram.
- REI - Surdos? Cegos? Mudos?
- BARQUEIRO - Esta é a triste verdade, bondoso monarca, são uns coitados.
- REI - Bem, sendo assim, não serão guilhotinados, podem partir (faz sinal para que os outros se afastem) Não, esperem, essas suas caras de pamonhas me deram uma idéia magnífica, somente um rei genial como eu poderia pensar em tal coisa;

irão todos para a corte, esses tres imbecis darão ótimos palhaços, é isso mesmo, irão comigo para servirem de palhaços nas festas.



BARQUEIRO - Ó majestade, é bondade demais, esses tres palermas com tamanha honra de vossa parte.

REI - Chega de conversas, vamos logo embarcar, eles irão comigo e' pronto.

BARQUEIRO - Se assim desejeis, grande senhor ...

(Todos entrem na berce) Levantar âncoras! Içar velas! Partir! (Começa a viagem).

REI - Que viagem mais chata! Lacaio! Traga minha luneta, quero ver se descubro algum outro planeta para conquistar, já estou cansado da Terra, sempre a mesma coisa, nada muda. (O lacaio lhe dá uma luneta e o rei fica a olhar para o céu). Ora vejam, o povo de Vênus me reconheceu, estão todos me saudando lá de cima. Obrigado. Como gostaria de viver em Venus, parece tão bonito! Tenho de encontrar um meio de invadir o planeta. Ó que maravilha! A Urse Maior está ebanando para mim, e as Três Marias, não deixam de fazer reverências ... Arauto! Peça ao povo que cante em meu louvor, não gosto desse silêncio.

ARAUTO - Cidadãos, cidadãs! Sua Majestade, o rei, declara que todos devem cantar um hino em seu louvor, pois o silêncio desgosta nosso monarca, os que não cantarem terão suas línguas cortadas.

BARQUEIRO - Cante Cabelinho, cante.

CABELINHO - Cantar o que?

BARQUEIRO - Qualquer música que fale de rei. (Cabelinho começa)

CABELINHO - O rei de Rome rumo a Madri, o rei de Rome rumo a Madri.

BARQUEIRO - Quem rumo a Madri?

CABELINHO - O rei, Orrei.

Barqueiro - Qual o rumo do rei?

CABELINHO - É madri. É madri.

AMBOS - O rei de Rome rumo a Madri, o Rei de Rome rumo a Madri.

REI - Arauto! Porque somente a menina e o barqueiro estão cantando? Anuncie que se outros não cantarem irão à guilhotina e à prisão perpétua.

BARQUEIRO - Piedade, magno monarca, se outros não cantam é porque não têm condições de fazê-lo. Vossa Majestade esqueça de que Pico é surdo, não pode ouvir suas ordens e o Conde é mudo, coitado, jamais poderá cantar.

REI - Hum. Você tem razão, Arauto! Diga ao povo que pare de cantar, quero silêncio absoluto, pois vou dormir.

ARAUTO - Sua Majestade o rei, ordena que todos parem de cantar, do contrário todos serão enforcados (A viagem continua, de repente)

começa a armar-se uma tempestade).

CABELINHO - Vai chover.

BARQUEIRO - Piar, é uma tempestade, caímos no meio de um furacão, estamos perdidos. (A tempestade aumenta rapidamente).

REI - Socorro, Socorro. Estamos sendo atacados.

LACAIO - Não Majestade, desculpe a ousadia de discordar, porém não são inimigos, é um temporal que se abate sobre nós.

REI - E o que está esperando para prendê-lo?

ARAUTO - Mas meu senhor ...

REI - Prandam-no, su disse.

LACAIO - Creio que a tempestade é mais poderosa que o senhor, meu rei e' ídolo.

REI - O que diz? Quer ser jogado aos leões? Maldição! Estamos em perigo mesmo. Estamos perdidos. Estamos perdidos. Quero voltar para a terra. Quero voltar para a terra.

ARAUTO - Sua Majestade ordena que se volte para a terra.

LACAIO - Para a terra. Para a terra. (O rei esbraveja e pula balança a barca perigosamente).

BARQUEIRO - Não há maneiras de voltar agora. Tenha calma senhor, vai virar minha barca. Sente-se. A água está invadindo. Vai. Vai. Vai virar.

TODOS - Socorro. Socorro.  
(Apaga-se a luz. Silêncio).

#### CENA - 10

Cabelinho, Pico, Conde e o Barqueiro desfalectidos numa praia, restos do barco, ao fundo.

CABELINHO (acordando) - Onde estou? Minha cabeça dói tanto. Que lugar se rá este? Ó ... Pico, Conde. O Barqueiro. (Vai até eles) Pico! Pico! Você está bem?

PICO - Estou afogado. Estou afogado. Daí na água.

CABELINHO - Acorde Pico, acorde, está tudo bem agora, passou o perigo.

PICO - Ouço a voz dos anjos. Que anjos são esses que tanto me rodeiam? É de noite é de dia ...

CABELINHO - Coitadinho, está delirando ... vou ver como estão os outros. (Vai até Conde e o Barqueiro). Conde. Conde. Acorde. Ache que Pico está passando mal, seu Barqueiro levante, levante.

CONDE - Que há? Que há? Ó Cabelinho! Você está bem?

BARQUEIRO - Estamos salvou ou estou sonhando?

PICO - Quê doces são as vozes dos anjos que tanto me rodeiam.

CONDE - O que houve com Pico?

CABELINHO - Ele está meio ruim...



CONDE - Pobre Pico enlouqueceu. Pico, Piquinho meu querido amigo, que tal castigo. Coitado.

BARQUEIRO - Isso não é nada, logo passa.

CABELINHO - Pico tenha modos, deixe de tolices, aqui não tem anjo, não está vando?

PICO - Estou, quer dizer que nós estamos salvos, é?

CONDE - E muito bem salvos, menino.

BARQUEIRO - Em terra firme.

CABELINHO - Tudo não passou de um pesadelo, somente o rei sumiu, sabe lá onde estará a essas horas, com seu laço e seu arauto tão fiel, terão ido para Vênus, levados pelo vento do temporal?

BARQUEIRO - Tenho certeza que sim, a tempestade foi tão forte que poderia jogar qualquer um no espaço.

PICO - Que coisa, hen? Quem diria, né?

CONDE - Talvez lá ela consiga ser mais feliz, e eu não estava gostando 'nem um pouco daquela estória de não poder falar.

CABELINHO - Vejam lá ao fundo, alguém se aproxima.

BARQUEIRO - Parece ser um pescador.

CONDE - Não, é uma mulher, uma boa velhinha.

PICO - Boa velhinha? Parece mais uma bruxa.

VELHA- (De fora) - Olha a maçã. Quem quer comprar maçãs? Olha a maçã, vende maçãs, maçãs gostosas.

CABELINHO - Uma velhinha vendendo maçãs.

PICO - Chegou em boa hora, minha barriga está roncando de fome.

VELHA-(Entrando)- Olha a maçã. Quem quer comprar maçãs? (Vendo os outros). Ah! enfim encontro alguém para comer minhas frutas, há dias ca minho por esta praia sem que encontra uma viva alma, mas estou ' certa de que vocês vão querer minhas maçãs, né? São tão boas que a gente até tem pena de comê-las, vamos sirvam-se, sirvam-se.

CONDE - Bem que gostaríamos de comer suas maçãs, velhinha, porém nossos ' bolsos estão completamente vazios, não temos uma só moedinha para pagar nem uma só maçã.

VELHA - Não têm dinheiro?

PICO - Só temos mesmo é muita fome.

VELHA - Ora vá lá, de qualquer forma ninguém vai comprá-las mesmo, me lhor dá-las a essas pobres crianças, que deixá-las estragar em ' meu balaio, vamos lá meninada, comem à vontade, elas são todinhas para vocês! Não gosto de ver crianças passando fome à minha volta, comam, comam tudo.

(Todos se atiram sobre o balaio de maçãs e começam a comê-las).

VELHA-(para o público) - Mal sabem eles que estas maçãs estão encantadas , lavei-as com uma poção mágica que roubei do Mago da torre abando nada, quem comê-las ficará hipnotizado, terei eles todos em meu





poder, tudo o que eu mandar eles farão, serão meus escravos de agora em diante. (Ri).

PICO - Estou sentindo uma sensação gozada, sintococeiras no nariz e um terrível calor nas orelhas.

CONDE - Isso é cansaço, depois de tantas aventuras ...

CABELINHO - Eu também estou me sentindo assim, é estranho.

BARQUEIRO - Esperem! Eu sabia que já conhecia essa velha de algum lugar, sim, não há dúvidas, é ela ... é a bruxa, a mesma que envenenou Branca de Neve.

PICO - Uma bruxa?

CABELINHO - Malvada, as maçãs que nos deu estavam encantadas.

VELHA - Sim, é isso mesmo, mas agora podem gritar à vontade, é tarde demais, caíram em minhas mãos como patinhos.

CONDE - Isso ... não vai ... ficar assim, vou ... vou me vingar ... (todos ficam estáticos, sem nenhum movimento).

VELHA - Agora eles obedecerão somente às minhas ordens, estão todos em meu poder. (Ri). Escravos! Em fila, vamos. (Todos obedecem). Meia volta volver! Sentido! Em frente marche! Ah, estão todos bem ensinadinhos, podemos partir agora, pelotão! Avançar! Vou levá-los para meu reino nas ruínas de Machi-Pichu! Andem, rápido. Caminham seus molengões. (Saem todos. Apagam-se as luzes).

#### CENA - 11

Cabelinho lava roupas. O Sombra surge após.

CABELINHO - Lavar. Torcer. Estender  
Lavar. Torcer. Estender

SOMBRA - (Por entre as roupas do varal) - Ei medna, o que está fazendo? Ué, ela não fala outra coisa? O bobinha, não me escuta ou está querendo me esnoabar? Deixe disso comigo, viu? Como é o seu nome?

CABELINHO - Lavar. Torcer. Estender. Não devo falar com estranhos, meu dever é trabalhar, minha ama é a Velha, só a ela eu ouço e obedeço.

SOMBRA - O que horror! Esta pobre criança foi enfeitizada pela bruxa. Quem será ela? Qual o seu nome? (Ao público) Alguém sabe como se chama esta menina? Ah, então esta é Cabelinho? Pobrezinho, em que estado ficou, tenho que encontrar uma maneira de tirá-la daqui, como terá vindo parar nas garras da bruxa? Quem sabe me dizer? (Pede que as crianças contem a estória de Cabelinho). Agora entendendo tudo, terei de descobrir uma maneira de tirar seus amigos e Cabelinho desta triste situação.

VELHA - (De fora) - Cabelinho, Cabelinho. Onde está aquela sapeca? Cabelinho!

SOMBRA - É a velha bruxa, vou me esconder, não digam a ela que eu ando

por aqui, certo? Ela é capaz de me cortar em pedacinhos de pe-  
ga, bico calado, hen?



CENA - 12

VELHA - Tenho certeza de que ouvi vozes por aqui. Cabelinho, páre de tra-  
balhar e fale comigo, quem andou aqui, hen? Responda idiota!

CABELINHO - Não devo falar com estranhos, meu dever é trabalhar, minha ama  
é a Velha, só a ela que eu obedeço e ouço.

VELHA - Esta boboca não deve ter ouvido ou visto nada, está mais pateta'  
que uma barata descascada; porém eu tenho certeza de que alguém  
esteve aqui, sinto o cheiro no ar. (Ao público) Ó ... quantas '  
crianças bonitas aqui na minha frente. Que amorzinhos! Cada uma  
mais linda que a outra. Sabem quem eu sou? Eu sou uma vovozinha'  
que vive muito solitária, aqui nesta casinha. E eu gosto muito  
de crianças, quem disser para mim quem estava aqui ainda pouco '  
com Cabelinho, vai ganhar um pirulito bem grande. Quem era? (...)  
Ora, vocês são uns faladores, não gosto de lorotas, seus bobos!  
(Vaias) E quanto a voce, Cabelinho, já lhe disse para parar de  
lavar essas roupas, está na hora de minha sesta, quero que cante  
para eu dormir.

CABELINHO - Minha ama é a Velha, só a ela eu ouço e obedeço. Se quer que  
eu cante, cantarei, pois só a ela eu obedeço. "Se essa rua, se  
essa rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar, com pe-  
drinhas, com pedrinhas de brilhante, para o meu, para o meu amor  
passar".  
(A velha dorme. O Sombra reaparece).

CENA - 13

SOMBRA - Que posso eu fazer por esta linda menina? A bruxa transformou-a '  
em um robot, se ao menos eu pudesse encontrar a fada do bosque '  
para lhe pedir ajuda. Se Dona Flor soubesse quão desastrosa se  
ria a vida- de Cabelinho, jamais teria partido. Esperem! Sim, a  
flor de Aconcágua, é isso mesmo, a flor de Aconcágua é a única es-  
perança. Essa é a única maneira de salvar Cabelinho e os meninos.  
Esperem aqui, logo voltarei.

VELHA - (Acordando) - Não vai me deixar dormir, nunca? Páre de cantar si-  
rigaita, me acordou com essa sua voz de taquara rachada. (Cabe-  
linho, pare de cantar). Agora perdi o sono, idiota. (Farejando o  
ar). Ah, novamente esse cheiro de gente honesta no ar, ainda hei-  
de saber quem anda rondando minha casa. E quanto a você, conti-  
nue trabalhando, quero que lave toda essa roupa dez vezes hoje ,

VELHA - ... vou até o lago ver a minha criação de pombas, quando voltar quero ver tudo pronto, ouviu bem?

CABELINHO - Sim, minha senhora, só a vós ouço e obedeço. (Volve a lavar). Lava. Torce. Estende. Lava, Torço. Estende. (Continua sempre) (O Sombra reaparece, tem uma flor nas mãos).

CENA 14

SOMBRA - Eis aqui a flor de Aconçágua, a flor que nasce nas mais altas montanhas, a mais bela flor das grandes altitudes, tem o poder de quebrar qualquer encanto, qualquer feitiço. Vou mostrá-la a Cabelinho, basta aspirar seu perfume e o poder hipnótico das maçãs terá terminado. Veja Cabelinho, a mais bela de todas as flores das montanhas, sinta seu perfume, deixe que ele invada seu peito.  
(Cabelinho cheira a flor)

CABELINHO - Como és linda flor de Aconçágua! Sómente tu poderias me salvar, és linda, tão linda.

SOMBRA - Deu certo! Deu certo! Cabelinho, você está me ouvindo?

CABELINHO - Estou.

SOMBRA - Tem mesmo certeza?

CABELINHO - Capaz que não, é claro que estou. Mas que gozado! Você parece ser uma sombra. (Ri)

SOMBRA - E sou mesmo, abandonei meu dono que era um malvado e resolvi sair pelo mundo, a procura de alguém que me queira, acabei chegando aqui.

CABELINHO - E você não sabe de meus amigos? Não viu Pico, nem Conde e o Barqueiro?

SOMBRA - Sim, eu os vi ainda pouco nas plantações de ervas malignas, tenho que ir até lá para tirá-los do feitiço da bruxa. Já tenho um plano para sairmos todos daqui, todos os cantos das terras da feroz feiticeira são guardados por monstros monstruosos e horríveis dragões furiosos, todavia, eu sei de uma maneira para ir embora daqui, eu cheguei às terras da bruxa por uma passagem secreta que liga esta terrível casa ao lago no é da montanha, fugiremos por ela; agora devo ir buscar seus amigos e logo partiremos. Você espere aqui mesmo, caso apareça a Velha, finja-se ainda de enfeitizada, não deixe que ela note que você voltou a ser o que era antes, viu? Senão estamos fritos. Entendeu bem?

CABELINHO - Entendi sim, Sombra, pode deixar comigo, vá tranquilamente.  
(Sai Sombra). A Velha não deve terdar, vou continuar a trabalhar  
banhar; que bom que o Sombra vai nos salvar! Mamãe já não deve  
estar preocupada comigo, há tantos dias estou fora de casa.  
Hi, ai vem a bruxa...

Lava, Torce. Estende... Lava, Torce, Estende... Onde estará  
Dona Flor a essas horas? Estou com saudades dela! Será que  
ainda a verei algum dia? Lava. Torce. Estende... Lava. Torce.  
Estende...

(A Velha entra)

CENA 15

VELHA - Ainda não terminou essa roupa, sua preguiçosa? Hum, e esse  
cheiro de gente honesta que tomou conta de minha casa de  
onde terá vindo? Fico cheia de alergias... Vai acabar de  
lavar ou não menina desengonçada?

CABELINHO - Vou.

VELHA - Ainda não aprendeu? Diga: Vou, minha senhora.

CABELINHO - Vou, minha senhora.

VELHA - Fale direito, vou minha cara senhora, é isso que deve di  
zer.

CABELINHO - Minha cara senhora, é isso que deve dizer direito.

VELHA - Não repita tudo o que eu digo, sua abelhuda.

CABELINHO - Não diga tudo o que eu repito, sua nariguda.

VELHA - Algo vai mal por aqui, essa menina está me parecendo estra  
nha, estou me irritando.

CABELINHO - Helàs. Elias. Herodes. Gaudeamus Igitur.

VELHA - O que disse?

CABELINHO - Helàs. Elias. Herodes. Nulla. Nunc. HZ Q. Ô... Ô...

VELHA - Com mil urubus! Esta menina está ficando doida, acho que  
meu feitiço não está dando muito certo, parece que lhe afe  
tou a cabeça, terei que consultar meus apontamentos para  
ver o que vai mal, tenho de saber onde falhei. Continue a  
trabalhar escrava, logo voltarei.

CABELINHO - Continue a trabalhar escrava, logo voltarei. Helàs. Elias.  
Herodes. Padilula. Valula. Vidi. Vinite.

VELHA - Está completamente desvairada, errei mais uma vez, vou pes  
quisar entre as minhas receitas, se não há uma forma de  
não deixar tudo ir por águas abaixo, tenho de descobrir on  
de está meu erro. (Sai)

de Cassara de Diversidade  
D. P. F.  
Feiti-  
Cassara

CABELINHO - (só) - Ela pensa que estou louca, mal sabe que seu  
ço virou contra o feiticeiro, logo estarei longe daqui, de  
derei continuar a procurar Dona Flor. (Entram os outros)

PICO - Cabelinho! Nossa amiguinha, como está você?

CONDE - Você está bem? A velha feiticeira não maltratou você?

BARQUEIRO- Que bom revê-la Cabelinho, passou um mau bocado, né?

CABELINHO - Sim meus amigos, porém eu estou bem, fico feliz de ver  
todos novamente juntos.

SOMBRA - Não falem tão alto, vamo-nos logo daqui.

CABELINHO - É isso mesmo, não quero mais saber de bruxas, vamos.

SOMBRA - É por aqui, sigam-me. (Saem todos. Aparece a bruxa)

### CENA 18

(Cabelinho e seus amigos surgem na platéia com velas ou lanternas nas mãos como se fugissem pela passagem secreta)

VELHA - (no palco) - Ué!! Onde se meteu ela? Cabelinho. Cabelinho Venha logo se não quer apanhar. Deve ter se escondido a aquela sapeca.

Mas eu vou encontrá-la, ela não pode desaparecer assim, não. Cabelinho! Cabelinho! Acho que ela fugiu, mas não me escapa não, meus monstros se encarregarão de dar cabo dela. (pega um binóculo e olha). Ó! Os outros fugiram tam bém. Não há mais ninguém aqui. Ah marotos, vão pagar ca ro, muito caro. Hei de me vingar. Cabelinho! (Escurece a cena).

PICO - (na platéia como os outros) - Tenho medo, que frio nesta caverna.

SOMBRA - Faça silêncio para não acordar as cobras.

PICO - Cobras!? Há cobras aqui?

SOMBRA - Centenas.

CABELINHO - E aranhas também?

SOMBRA - Aranhas, baratas, ratos, morcegos, tudo.

CABELINHO - Que horror! É um verdadeiro Jardim Zoológico.

CONDE - Não tenham medo. Não tenham medo.

PICO - Falta muito ainda, Sombra?

SOMBRA - Menos do que está imaginando, mas não fale tão alto, é ' perigoso.

CABELINO - Ai! Pisei numa cobra enorme.

BARQUEIRO- Cobra nada, foi no meu pé que você pisou.

CABELINHO - Me desculpe seu Barqueiro, foi sem querer.  
PICO - Quem sabe a gente volta, hen? Isso aqui é tão  
CONDE - Voltar para as garras da bruxa? Nunca.  
PICO - Está bem. Está bem.  
CABELINHO - Acho que esse tunel vai terminar no centro da Terra.  
PICO - É, e diz que lá só tem fogo, vamos virar churrasco, que  
triste fim prá um limpador de chaminés que prometia tanto.  
CONDE - Falta muito ainda, Sombra?  
SOMBRA - Não, estamos pertinho.  
BARQUEIRO- Vejam, uma luz, é o fim da passagem secreta, chegamos!  
TODOS - Viva.Viva. Estamos salvos.  
(Escurece tudo)



CENA 17

(Novamente sobre o telhado da Cena 1. Todos menos o Bar -  
queiro)

CONDE - Puxa, que aventura! Enfim, lar doce lar, e como está linda a cidade esta noite.  
PICO - É, depois de tantos perigos, não existe melhor lugar no mundo que esse telhado.  
CABELINHO - Tantas coisas nos aconteceram e terminamos voltando sem ter encontrado Dona Flor, de nada adiantou nossa viagem.  
SOMBRA - Que estranho, jamais vi algo assim antes, deve ser comunicado ao Instituto de Pesquisas Inacreditáveis.  
PICO - O que aconteceu, Sombra?  
SOMBRA - É aquela flor ali, que nasceu sobre o telhado.  
CONDE - Uma flor nascida no telhado?  
PICO - É mesmo!  
CABELINHO - Quero ver, quero ver. Que linda! E é igualzinha a minha, só que ainda é muito pequena. Que bonita!  
PICO - É um amor de florzinha.  
CONDE - Talvez esse seja o princípio de nosso sonho, está é a primeira flor nascida no telhado, quem sabe um dia, todos os telhados de todas as cidades do mundo estejam cobertos de flores iguais a esta como um imenso jardim.  
PICO - Como vai ser bacana, Conde! Rosas, hortênsias, margaridas, violetas todas as espécies de flores.  
CABELINHO - É como se Dona Flor tivesse voltado para mim.  
SOMBRA - Quando o mundo estiver cheio de flores todos serão mais felizes, as pessoas deixarão de ter raiva e conhecerão somente o amor, a amizade.



- FICO - E nós limpadoras de chaminés, teremos sempre uma dança na capela e perfumada para dormir.
- CONDE - E os passarinhos virão cantar enquanto estivermos trabalhando.
- CABELINHO - E eu subirei todos os dias no telhado para cuidar das floras, amanhã mesmo começarei.
- SOMBRA - E eu vou morar na terre da capela, sabem o que vou fazer? Vou tocar o sino toda vez que houver uma nova flor nascida no telhado.
- TODOS - Viva. (Cantam e dançam)

FIM